



## **O machismo apoiado na teoria freudiana**

Psicologia, Educação e Temas Contemporâneos (Noturno)

Prof. Dr. Ivan Ramos Estevão

Mirela Mei Costa, nº USP: 11208392  
Sistemas de Informação

São Paulo, 2020

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho abordará o machismo em cima de pesquisas da psicanálise, mais especificamente usando trabalhos de Sigmund Freud (1856-1939). Com a análise do conceito mais criticado de Freud, até mesmo por outros homens na psicanálise, o qual aborda a inveja feminina pelo “falo” masculino, proveniente de uma frustração da fase infantil onde a menina percebe que na sua parte genital não crescerá um pênis como o do homem. Com isso inicia-se todo um processo de recalque, mas principalmente de inveja feminina, que segundo Freud as leva a serem submissas pela consciência de serem castradas e para os homens os tornam mais fortes e agressivos, com a finalidade de assumirem os benefícios que o falo os proporciona e também pelo medo de uma castração por parte do feminino.

No entanto, apesar de esses conceitos terem sido elaborados no século 20, numa sociedade extremamente machista e patriarcal, ainda são usados e estudados por muitos psicanalistas, portanto é necessária uma constante reflexão sobre o assunto, visto que a sociedade está em constante mudança e adaptação.

## 2. CONCEITOS CENTRAIS

### 2.1 Sexualidade infantil

Freud criou uma ideia de sujeito que se relaciona com a exigência de satisfação da pulsão sexual, - que nos primeiros anos de vida está intimamente ligada à sobrevivência - afirmando que as crianças obtêm prazer com determinadas atividades cotidianas ligadas ao corpo, como a sucção. As manifestações sexuais das crianças são perversas, pois não possuem relação com a reprodução, e são polimorfas, porque não estão centralizadas em um objeto sexual, assumem formas variadas de satisfação por meio de zonas erógenas, partes da pele ou mucosas. Portanto, a obtenção por prazer é focada no próprio corpo, não em um objeto externo. (FREUD, 1926)

A partir dessa caracterização, Freud propõe uma organização sexual por meio de quatro fases de desenvolvimento - oral, sádico-anal, fálica e genital - que culminarão na vida sexual adulta. Em todas as fases, há um conflito interno típico e um modo de defesa. Por exemplo, na fase fálica, o conflito gerado pelo desejo libidinoso pela mãe precipita o complexo de Édipo como sintoma. (FREUD, 1926)

### 2.2 Desejo

No Projeto de uma psicologia (1895/1950), Freud formula a hipótese de uma “vivência de satisfação”, que seria estruturante do funcionamento psíquico normal, e de uma “vivência de dor”, que seria estruturante do funcionamento psíquico patológico. A vivência de satisfação consistiria na satisfação de uma necessidade, como a obtenção de alimento, ao sentir fome.

Uma vez estabelecidas tais facilitações, quando o estado de excitação no núcleo reaparecesse, o processo excitatório seguiria o caminho por elas definido e ocuparia as representações em psi do manto. Esta tendência para investir as representações de objeto é o que Freud chama de “desejo”. (FREUD, 1926)

### 2.3 Pulsão

A pulsão sexual, diferentemente do instinto sexual, não se limita às atividades repertoriadas da sexualidade biológica, mas constitui o fator primordial que impulsiona toda a série de manifestações

psíquicas, estando, portanto, no fundamento do aparelho psíquico e de seu funcionamento. (FREUD, 1915)

## 2.4 Recalque

Dependendo da tradução que utilizamos para ler a obra freudiana, o termo Verdrängung assume um significado diferente. Em algumas traduções para o português utilizou-se a palavra ‘repressão’, em outras, verificou-se que o uso mais adequado seria ‘recalque’. O verbo verdrängen genericamente significa “empurrar para o lado”, “desalojar”. Conotativamente, verdrängen remete a uma sensação de “sufoco”, “incômodo”, que leva o sujeito a desalojar o material que o incomoda.” Ou seja, o incômodo é levado ao inconsciente que, ao ser regido pelo princípio do prazer, opera segundo o processo primário e tem uma abrangência maior que o recalcado. Entende-se que os conteúdos do inconsciente são “representantes” das pulsões e procuram constantemente retornar à consciência. (FREUD, 1915)

## 2.5 Sublimação

O termo Sublimierung foi introduzido por Freud no vocabulário psicanalítico para nomear um processo que explica as “atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual”. (FREUD, 1915) Neste sentido, a sublimação estaria referida a uma mudança nos objetivos desta pulsão, que abandonaria seus objetos originais, de ordem sexual, para se ligar a outras metas, estas não-sexuais e socialmente valorizadas (LAPLANCHE, 1980). Nota-se, então, que na circunscrição psicanalítica do termo, a noção de sublimação conserva, em certa medida, sua associação com as idéias de “transformação” e de “sublime” anteriormente estabelecida por outras áreas de conhecimento, como a química. (FREUD, 1926)

### 3. ANÁLISE

Por volta do quarto milênio a.C as relações sociais entraram no período civilizatório, onde a maioria das sociedades de base agrícola tinham desenvolvido uma desigualdade entre homens e mulheres, iniciando o patriarcado, em que o homem possuía o papel mais importante na sociedade e na estrutura familiar, desde então, as desigualdades foram se acentuando e o patriarcado se solidificando. No entanto, as mulheres nem sempre aceitavam ou compreendiam essas possíveis diferenças que as tornavam submissas, há registros históricos desde o século 15 onde mulheres denunciavam a opressão vivenciada pela notoriedade masculina. (STEARNS, 2000)

Mais tarde, com a Revolução Francesa, o pensamento Iluminista veio para alterar as bases do Antigo Regime e modernizar uma sociedade farta das desigualdades e submissões provenientes de uma monarquia rica e despreocupada com sua população. Contudo, engana-se que as desigualdades foram minimizadas para as mulheres. Filósofos, como Rousseau, acreditavam que as mulheres existiam exclusivamente para servir ao homem, à maternidade e aos cuidados da família, essa visão enraizada torna um movimento que preza pela “Liberdade, igualdade e fraternidade” incoerente de se aplicar ao feminino. (MORIN, 2009) Por essa razão, a Revolução Francesa foi um marco para as mulheres, que começaram a lutar pelos seus direitos; concomitantemente, surgiu na sociedade o que se chamou de “histeria”, uma condição neurótica e psicopatológica, predominante essencialmente nas mulheres, que eram dadas como “loucas” por apresentarem comportamentos caracterizados por uma instabilidade emocional refletida em sintomas físicos, como paralisia, cegueira, surdez etc. As “histéricas” vieram a ser alvo de estudo científico desde o início da Revolução Francesa e, posteriormente, se tornaram principal objeto de estudo por Freud. (ÁVILA, 2010)

Para o entendimento da histeria, Freud parte de um ponto inicial: a sexualidade infantil. Ao longo de seu trabalho, ele mostra que esse ponto tão primitivo e longínquo da sexualidade é parte fundamental na construção subjetiva e, além disso, é característico da civilização reprimir a sexualidade, principalmente infantil (momento mais importante no desenvolvimento sexual). Em vista disso, a renúncia ao objeto de desejo pode, na maioria das vezes, gerar um processo sublimatório, fazendo com que o objetivo sexual original seja trocado por outro, psiquicamente relacionado com o primeiro. Porém, para Freud, “o sujeito consegue realmente, sob a influência da educação, e das exigências sociais, suprimir suas pulsões pervertidas, mas

essa supressão é falsa, ou melhor, frustrada” (FREUD, 1908, [1996] p. 176). Diante disso, o aparelho psíquico vê duas opções: tentar realizar o desejo ou descarregar a pulsão pela via do sintoma, o que gera crises histéricas.

Dos 3 aos 5 anos de idade, a criança encontra-se na fase fálica, período de curiosidade em saber o que diferencia meninas e meninos. É nesta fase que as meninas, ao verem que os meninos possuem um membro externo em sua região genital, pensam que vieram ao mundo incompletas, sendo “meninos de segunda classe”. Freud explica que “essa falta lhe cai como uma injustiça e como motivo para se sentir inferior” e que “por algum tempo, acredita ainda que terá esse órgão tão valioso, ou seja, que seu pênis irá crescer.” Só que, ao não crescer, o que fica é uma enorme frustração e o tal complexo de castração. (FREUD, 1926)

Freud afirma que, assim como nos meninos, a primeira escolha objetal feminina é a mãe (pré-edipiniana); esta escolha, que nos meninos se mantém, nas meninas sofre uma mudança e seu objeto agora se torna o pai. A dissolução do complexo de Édipo ocorre quando a mulher “reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade” (FREUD, 1931 [1996] p. 243), este fato reconhecido resultaria em três caminhos possíveis às mulheres, a primeira sendo uma repulsão geral à sexualidade, a segunda uma auto afirmação da masculinidade e, por último, considerada “normal”, a tomada do pai como objeto de desejo para o encerramento completo do complexo e a dedicação à maternagem futura.

Em sua obra “Três Ensaios sobre a sexualidade”, ele afirma que “o desenvolvimento sexual [...] do homem é o mais consequente e o mais facilmente acessível a nossa compreensão, enquanto o da mulher representa até mesmo uma espécie de involução” (FREUD, 1905). A visão de Freud sobre o desenvolvimento da mulher é uma ideia muito contestada, tanto por mulheres como por alguns homens da época; para alguns, é absurdamente machista a ideia de que a personalidade futura de todas as mulheres será decidida pela forma como ela aceita essa “desvantagem” inicial.

A psicologia, como todas as outras áreas, nasceu e foi considerada apenas pelo ponto de vista masculino. Diante disso, surgiram outras teorias e refutações sobre o assunto, tentando minimizar a visão machista que estaria acoplada na tese de Freud. A psicanalista alemã Karen Horney (1885-1952), fundadora da escola neofreudiana, sugeriu que o homem é que teria inveja do útero, ou seja, eles fariam de tudo para serem bem sucedidos na vida como uma forma de compensar a frustração diante da incapacidade de gerar uma criança; uma inveja da gravidez, do parto e da maternidade.

A filósofa e feminista francesa Simone de Beauvoir (1908-1986) dedica um capítulo inteiro ao “ponto de vista psicanalítico” a respeito das mulheres em seu livro *O Segundo Sexo*, e fala sobre a concepção freudiana estar repleta de equívocos. Segundo ela, a psicanálise só pode estabelecer suas verdades no contexto histórico, ou seja, se o pensamento sobre a sexualidade viesse de uma visão feminina, os símbolos pensados por Freud poderiam ser outros. “A mulher inventaria equivalentes para o falo; a boneca, encarnando a promessa do bebê que virá no futuro, pode se tornar um bem muito mais precioso que o pênis. Há sociedades matriarcais nas quais as mulheres detêm a posse dessas máscaras nas quais o grupo encontra alienação; nessas sociedades, o pênis perde muito de sua glória.”

A concepção de Freud foi duramente criticada, pois criou um ambiente em que toda sua teoria partiria de uma perspectiva falocêntrica, ou seja, o pênis e o masculino no centro do mundo. Ele ainda associa a mulher a um sentimento de culpa provocado por um masoquismo moral, que é uma necessidade inconsciente de ser punida pelo pai. “Sabemos agora que o desejo, tão frequente em fantasias, de ser espancado pelo pai se situa muito próximo do outro desejo, o de ter uma relação sexual passiva (feminina) com ele”, diz Sigmund no artigo *O Problema Econômico do Masoquismo*. Nos dias atuais, tal afirmação pode ser considerada controversa, pois parte do princípio de que mulheres são inferiores e se sentem como tal, gerando uma necessidade de receber uma punição, enquanto os homens, por virem ao mundo com algo a mais e sentirem medo de perder isso, se sentem livres para punir.

#### 4. CONCLUSÃO

Levando em conta o contexto cultural em que Sigmund Freud elaborou toda sua tese, é possível chegar a conclusão de que, mesmo com os inúmeros vieses machistas enraizados em sua obra, e que perpetuam até os dias atuais, ele foi o primeiro cientista a dar espaço e voz para o estudo do feminino dentro da psicanálise, na tentativa de minimizar o sofrimento e a repressão que eram vividos pelas mulheres da época. Notar diferenças entre feminino e masculino, principalmente cem anos atrás, significava perceber que, enquanto as meninas eram educadas para ficar quietas à mesa, não sair de casa e repetir os trabalhos domésticos da mãe, além de criar os filhos, os meninos eram estimulados à aventura, demonstrações de força e planos de grandeza. Ao perder esse “pênis”, essa nítida vantagem em relação às restrições das meninas com certeza seria motivo para ansiedade.

A partir desta afirmação, podemos pensar nas formulações que Freud trouxe sobre o feminino no começo do século XX e podemos pensar nas críticas feitas a ele no restante do século como um reflexo cultural. As questões envolvidas na sociedade vienense e as mudanças que ocorreram no mundo social a partir de então são visíveis; assim deve-se questionar se o que Freud trouxe, enquanto pai da psicanálise, é realmente machista em essência ou se, assim como qualquer outro sujeito, ele foi atravessado por questões e marcações culturais, o que se refletiu então sobre sua obra a respeito do feminino.

Os psicanalistas de hoje defendem que o tema da misoginia na teoria psicanalítica seja sempre debatido em eventos abertos ao público leigo, para aprofundar os conhecimentos históricos e para desmistificar os conceitos psicanalíticos. Além disso, atualmente existem muitas “psicanálises” diferentes, assim como muitas leituras posteriores dos textos originários. O mundo está em constante mudança e novas questões e debates sempre surgem, é extremamente humano evoluir e mudar concepções e ideias que pareciam certas.



## 5. BIBLIOGRAFIA

STEARNS, Peter. História das Relações de Gênero. Editora Contexto, 2000.

SANCHES, Pedro Rodrigo Peñuela. A alteridade na conceituação freudiana de desejo e pulsão. Rev. bras. psicanál, São Paulo , v. 44, n. 4, p. 97-108, 2010 . Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X201000400009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X201000400009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 dez. 2020.

TOREZAN, Zeila Facci; BRITO, Fernando Aguiar. Sublimação: da construção ao resgate do conceito. Ágora (Rio J.), Rio de Janeiro , v. 15, n. 2, p. 245-258, Dec. 2012 . Available from  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982012000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982012000200003&lng=en&nrm=iso)>. access on 14 Dec. 2020.

MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. PS - Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites. Reverso, Belo Horizonte , v. 33, n. 62, p. 55-67, set. 2011 . Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952011000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 dez. 2020.

COUTO, Daniela Paula do. Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. Psicol. pesq., Juiz de Fora , v. 11, n. 1, p. 1-2, jun. 2017 . Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472017000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472017000100004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 dez. 2020.

PAIVA, Maria Lucia de Souza Campos. Recalque e repressão: uma discussão teórica ilustrada por um filme. Est. Inter. Psicol., Londrina , v. 2, n. 2, p. 229-241, jun. 2011 . Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072011000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072011000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 dez. 2020.

MAGDALENO JUNIOR, Ronis. A construção do feminino: um mais-além do falo. J. psicanal., São Paulo , v. 42, n. 77, p. 89-106, dez. 2009 . Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352009000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352009000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 dez. 2020.

PADILHA NETTO, Ney Klier; CARDOSO, Marta Rezende. Sexualidade e pulsão: conceitos indissociáveis em psicanálise?. *Psicol. estud.*, Maringá , v. 17, n. 3, p. 529-537, Sept. 2012 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722012000300018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000300018&lng=en&nrm=iso)>. access on 14 Dec. 2020.

MORIN, Tania Machado. Práticas e representações das mulheres na Revolução Francesa – 1789-1795. Dissertação (Dissertação em História Social) – USP. São Paulo, 2009.

D' ANGELO, Heloisa. Debater misoginia na psicanálise evita 'má interpretação' de Freud, dizem psicanalistas. 2017 Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/freud-histericas-misoginia-na-psicanalise/>>

AVILA, Lazslo Antônio; TERRA, João Ricardo. Histeria e somatização: o que mudou?. *J. bras. psiquiatr.*, Rio de Janeiro , v. 59, n. 4, p. 333-340, 2010.

CARVALHO, Alexandre. Inveja do pênis – O paradoxo de Freud. 2020. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/especiais/inveja-do-penis-o-paradoxo-de-freud/>>

BRANDINO, Gabriel; EMIDIO, Thassia Souza; SINIBALDI, Barbara. A PSICANÁLISE DE FREUD E A PSICANÁLISE DE HOJE: AS VICISSITUDES DO FEMININO NA ERA DOS EXTREMOS. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ - Brasil, 2018.

CAROPRESO, Fátima. DOR E DESEJO NA TEORIA FREUDIANA DO APARELHO PSÍQUICO E DAS NEUROSES. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, MS - Brasil, 2009.